

Michael Meyer



Tradução:
PEDRO MAIA SOARES


ZAHAR
Rio de Janeiro

Prefácio

Um belo dia do começo da primavera de 1988, meu telefone tocou.

— Mike, você gostaria de ir à Alemanha? – perguntou nosso chefe dos correspondentes.

Eu ficara sabendo, algumas semanas antes, que outra pessoa fora indicada para aquela missão. O que teria acontecido?

— Ele mudou de ideia. Achou que era arriscado demais.

No mundo do jornalismo, “arriscado demais” significa ruim para sua carreira. O repórter que desistiu achou que a Alemanha e a Europa Oriental estavam longe demais da tela do radar americano. Não havia muita coisa acontecendo. Ele temia que suas matérias não saíssem na revista.

Eu mal pude acreditar na minha sorte. Durante 50 anos a Europa estivera congelada. Agora, um homem novo se encontrava no poder: Mikhail Gorbatchov. Mudanças estavam em marcha. Dava para sentir. Lembro vividamente de pensar que eu talvez tivesse um ou dois anos para ver a velha Europa, uma parte do continente que estivera isolada atrás da Cortina de Ferro, como que guardada sob uma redoma, antes de desaparecer de todo. Em meu entusiasmo juvenil, considerei aquilo quase uma aventura antropológica, a chance da minha vida.

— Quando viajo? – perguntei.

— Logo que você puder – foi a resposta.

E assim, no verão de 1988, tornei-me chefe da sucursal da *Newsweek* para a Alemanha e a Europa Oriental. Era como pisar num tapete mágico, ser levado a um mundo de revoluções – e revelações – para além da imaginação.

Mil novecentos e oitenta e nove foi um ano de magnífica e incomensurável agitação. Revoluções inflamaram toda a Europa Oriental, montando o palco para o colapso da União Soviética. Fui testemunha ocular dessa história. Na Polônia, cobri o renascimento do Solidariedade. Estive com Václav Havel e outros amigos em Praga, quando eles organizavam a Revolução de Veludo. Fui o último jornalista americano a entrevistar Nicolae Ceausescu e a ter livre acesso à sua Romênia tiranizada. Desci de carona com a Luftwaffe alemã em Bucareste durante a luta que o depôs e assisti à sua execução em companhia da polícia secreta que o liquidou.

O momento mais memorável daquele ano inesquecível foi o dia 9 de novembro – quando o Muro de Berlim veio abaixo. Eu observei o acontecimento do lado leste da fronteira, enquanto o povo da Alemanha Oriental se erguia e invadia os portões, acabando com quatro décadas de ditadura comunista. Uni-me a eles enquanto dançavam no alto do Muro e desfilavam pelas ruas, festejando no que era agora uma nova Berlim, a famosa cidade dividida, subitamente indivisa. E, como todos os americanos, regozijei-me. A Guerra Fria havia acabado. Nós ganhamos. A democracia triunfou.

Consideramos aquele o nosso instante de reconhecimento, uma vitória que justificava todas as nossas lutas: quatro décadas de confrontos da Guerra Fria, trilhões de dólares gastos em defesa nacional, vidas demais perdidas nas guerras sombrias em lugares distantes. E, sob vários aspectos, isso era verdade. Mil novecentos e oitenta e nove foi um ano que mudou o mundo. O fim da Guerra Fria nos deslocou de um universo de divisões e chantagem nuclear para outro, de oportunidades novas e prosperidade sem precedentes. Foi quando se montou o palco para nossa era moderna: globalização, triunfo do livre mercado, difusão da democracia. Foi o ano que anunciou o grande boom econômico global, que tirou bilhões de pessoas da pobreza em todo o mundo e fez dos Estados Unidos a única superpotência mundial.

No entanto, este foi um triunfo perigoso, principalmente porque o reivindicamos para nós mesmos, e mal nos preocupamos em compreender como essa grande mudança realmente aconteceu. Já naquela época, eu desconfiava de que não estivéssemos vendo a história toda. Hoje tenho

certeza disso. Depois de duas décadas e de muita pesquisa, agora sei que nossa vitória na Guerra Fria não foi o que parecia. Fiquei sabendo que as coisas simplesmente não aconteceram do jeito que pensamos. E, o que é mais doloroso, os mitos que criamos em torno disso prejudicaram o mundo e a nós mesmos.

Quais são esses mitos, que aceitamos como verdades?

Primeiro, o povo. A maioria dos relatos de 1989 resume-se a uma simples trama de mão única: os cidadãos da Europa Oriental, reprimidos havia muito tempo, frustrados pela pobreza e falta de liberdade, e inspirados por nosso exemplo, ergueram-se em massa e derrubaram seus susseranos comunistas. Bom, sim e não. Em alguns países, foi mais ou menos isso o que aconteceu. Mas em outros não houve nada disso. A trama secundária mais interessante (e certamente a mais decisiva) naquele ano de revoluções foi a história de um pequeno grupo de bucaneiros do Leste europeu – um mero punhado de cinco ou seis líderes húngaros, sem qualquer apoio popular – que decidiu derrubar o comunismo não apenas em seu país, mas em todo o bloco oriental. Numa conspiração digna do mais artificioso filme de espionagem da Guerra Fria, eles miraram intencionalmente o Muro de Berlim. Mais do que ninguém, foram eles que o derrubaram. É deles a grande história não contada de 1989.

Um segundo mito diz respeito ao papel da história. Nós, americanos, tendemos a ver o fim do comunismo como alguma coisa predeterminada. Os defeitos inerentes ao comunismo provocaram seu colapso: ele não podia suportar a comparação com o exemplo ocidental. Trata-se de uma visão tectônica, a história como interação de forças gigantescas e quase inevitáveis. Mas, para quem estava em campo, as coisas pareciam bem diferentes. Se estivesse lá na noite em que o Muro de Berlim caiu, você saberia que as coisas aconteceram daquela maneira graças a um acidente inesperado, um pequeno e totalmente humano erro crasso. Na realidade, a imagem icônica de berlinenses orientais festejando no alto do Muro, batendo com marretas, deve-se tanto à casualidade quanto à culminação de uma história.

Um terceiro mito é mais perigoso: a ideia dos Estados Unidos como país emancipador, um libertador de regimes repressivos. Esse tipo de triunfalismo americano com ares de cruzada tornou-se, com o tempo, o evangelho dos neoconservadores, inclusive muitos membros do governo George W. Bush. Para eles, as revoluções de 1989 tornaram-se o fundamento de uma nova *Weltanschauung* pós-Guerra Fria: a ideia de que todos os regimes totalitários são igualmente ocos no seu cerne e se esfacelarão

com um empurrão vindo de fora. Se seu símbolo é o Muro de Berlim, derrubado como Ronald Reagan prometera fazer em um discurso famoso, pronunciado em Berlim, em 1987, o modelo operacional foi a Romênia de Ceausescu. “Assim que a bruxa malvada estivesse morta”, como disse o eminente economista político Francis Fukuyama, “os *munchkins* se levantariam e começariam a cantar alegremente sobre sua libertação*”.

É verdade que, em vez de buscar conter a antiga União Soviética, como governos anteriores haviam feito, os Estados Unidos, sob o comando de Ronald Reagan, preferiram o confronto. Reagan desafiou Mikhail Gorbachov não só a reformar o sistema soviético por dentro, mas também a “derrubar este Muro”. Contudo, outros fatores entraram nessa equação, a começar pela queda do preço do petróleo, de cerca de 40 dólares o barril, em 1980, para menos de dez dólares uma década depois, para não mencionar as medidas adotadas pelo próprio líder soviético. Ainda menos conhecida é a evolução política de Ronald Reagan. O guerreiro endurecido pela Guerra Fria suavizou tanto sua retórica como suas diretrizes políticas, a tal ponto que seu governo se transformou no próprio modelo de relações diplomáticas esclarecidas – a antítese do confronto de extrema direita.

Não há dúvida de que os Estados Unidos contribuíram excepcionalmente para o fim da Guerra Fria, desde o Plano Marshall e a reconstrução da Europa até a política de contenção e nossos esforços para ajudar a criar o que veio a ser a União Europeia. Mas outros “ganharam” a guerra em nome deles (e nosso). Este livro concede mérito atrasado aos verdadeiros vitoriosos e ao grau notável em que as agitações de 1989 foram menos resultado de uma revolução de massa que de um planejamento cuidadoso e de um trabalho sério de alguns poucos indivíduos corajosos e clarividentes – bem como dos erros e da miopia de outros.

O objetivo não é desmascarar a história oficial, mas libertá-la. Vinte anos depois, quando surge uma nova geração com pouca ou nenhuma memória desses eventos épicos, a narrativa merece ser recontada. Narrada com fidelidade, ela se torna ainda mais dramática. E, quem sabe, ao longo do caminho, ela nos ajude a repensar os alicerces da política externa americana no momento em que entramos na segunda década de um novo século.

* *Munchkins* são personagens de *O mágico de Oz*, anões que festejam a chegada de Dorothy porque ela matou (acidentalmente) a Bruxa do Leste. (N.T.)

Há uma linha reta que vai direto da fantasia de 1989 a Saddam Hussein e o Iraque – e segue além deles. É possível argumentar sem exageros que o desastre americano no Oriente Médio nasce da arrogância que acompanha “nossa” vitória na Europa Oriental. Por extensão lógica, do passado ao presente, tudo o que temos a fazer é enfrentar o diabo em pessoa, e, com um grande empurrão, o povo se erguerá e romperá seus grilhões. Bêbados de orgulho e poder, entendemos tudo terrivelmente errado. Se os Estados Unidos pudessem ser comparados a um alcoólatra em tratamento, está na hora de voltar ao começo, ver onde e quando nos desviamos, e olhar para o mundo tal como ele é.

Devo muitos agradecimentos a diversas pessoas: à *Newsweek*, principalmente, por me mandar para a Europa, e a seus editores brilhantes. Entre eles: o falecido Kenneth Auchincloss, meu chefe durante aquela época excitante, e, há menos tempo, Fareed Zakaria. Dificilmente alguém esperaria uma associação tão recompensadora. A Academia Americana em Berlim tornou possível este livro, primeiro ao conceder a bolsa que me permitiu escrever uma primeira versão, em 1999; depois, ajudando a dar forma aos temas. Por isso, sou eternamente grato a Richard Holbrooke, Gary Smith e Everette Dennis. Amigos, colegas e pessoas amadas desempenharam um papel não menos importante. Colin Robinson, que acolheu o projeto na editora. Minha maravilhosa esposa Suzanne mais de uma vez salvou-me de abandonar a ideia; ela foi a mais fiel das adeptas, e este livro não poderia existir sem sua ajuda. Outros me inspiraram a empreendê-lo e me ajudaram a ver muitas coisas que talvez eu não tivesse visto. Não sei como começar a retribuir esses presentes.